



# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

## FLUXOS MIGRATÓRIOS NO SERTÃO DO NORTE DE MINAS

**Autores:** IGOR MEDEIROS, ANDRÉA MARIA NARCISO ROCHA DE PAULA

### Resumo

Pretende-se no presente trabalho compreender como a interação em rede contribui no processo migratório, criando, em seu contexto, relações sociais históricas. Esse trabalho é fruto da iniciação científica vinculada ao projeto *Do sertão para outros mundos: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho do/no Norte de Minas Gerais/ CEPEX 034/2017*. Trataremos ainda, sobre a necessidade, que se instaura em alguns lugares do Norte de Minas, que pelo contexto de falta de colocação no mercado de trabalho e de políticas sociais que estimule a permanência, produz a migração. O objetivo aqui colocado é mostrar que os fluxos migratórios no Norte de Minas se estabelecem através de redes de relações sociais, uma rede contínua, que cada vez mais movimentam as pessoas. É possível postular ainda, que as tradições culturais contribuem de forma relevante na criação de laços que podem enraizar ou desenraizar os sujeitos, fazendo com que o desejo de ficar no lugar de destino permaneça, ou que, a vontade de voltar para o lugar de origem acentue.

**Palavras-chave:** Fluxos Migratórios; Cultura; Relações Sociais; Trabalho;

### Introdução

A migração constitui-se como um fenômeno complexo, que modifica não somente cidades, mas também vidas. A realidade contribui para que muitas pessoas mudem de lugar para lugar. Isso muito decorrente da busca por outras estratégias de reprodução da vida, por serviços que gere qualidade de vida, bem como por disputas e expropriação territoriais. Existem ainda, os diversos tipos de migrações, que pode ser, a exemplo, migrações sazonais, migrações colonizadoras, diásporas, migrações temporárias e demais.

A região do Norte de Minas Gerais apresenta uma realidade socioeconômica que contribui para um intenso processo migratório. A dureza da vida, em uma região onde os requisitos de natureza morrem dia após dia através de ações humanas, como a devastação produzida por fazendas de eucaliptos, e como as de assoreamento do São Francisco, inviabilizando, as formas de produção e reprodução da vida dos moradores da região. Assim sendo, as cidades maiores tendem a atrair migrantes de outras.

São muitos os fluxos migratórios no Norte de Minas, e é em sua maior parte motivado por fatores econômicos. O mais frequente fenômeno desencadeado nessa região tem sido os processos desencadeados por uma rede de relações sociais. Grosso modo, é a migração de uma ou conjunto de pessoas através da ação de outro migrante, parente ou amigo, que em tempos passados foi viver no local escolhido para se mudar. Identificamos como maiores receptores desses fluxos migratórios, capitais como Belo Horizonte, São Paulo, Brasília e Goiânia.

As relações sociais que se criam em torno do fenômeno do processo migratório, colaboram para o que chamamos de desenraizamento e ao mesmo tempo, no movimento de sair e chegar, do enraizamento. Constrói-se uma fusão de cultura, o migrante leva tradições e costumes e ao mesmo tempo apreende com os da nova cidade-destino.

O sentimento de retorno está presente em muitos casos de migração. A pessoa que deixa sua terra natal, almeja o quanto antes, mudar a vida de quem lá ficou, e, a partir daí, juntar-se a eles novamente. Dessa maneira, a pessoa, familiar ou amigo, do ser migrante vivem os sentimentos de ausência e retorno, assim como o migrante.

### Metodologia

O trabalho em foco envolve uma análise de abordagem qualitativa que foi construída através dos estudos parciais da iniciação científica intitulada *Fluxos Migratórios no sertão do Norte de Minas*, vinculada ao projeto *Do sertão para outros mundos: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho do/no Norte de Minas Gerais/FAPEMIG*. O trabalho surge das atividades no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migração e suas Interfaces – MUTUM/Opará. Estamos utilizando técnicas da etnografia, como: entrevistas livres e semiestruturadas realizadas em trabalhos de campo e a observação participante e ainda, o levantamento bibliográfico, entendendo dessa forma, as migrações como um importante processo migratório.

### Resultados e discussão

Com o avançar do capitalismo as redes migratórias tendem a crescer em medidas consideráveis, sobretudo, migrações vindas do campo para a cidade, ou mesmo, aqueles migrantes que são obrigados a saírem de seus espaços por forças e avanços conservadores e terroristas, conforme o contexto no Oriente Médio. Conforme Sayad (2000), o êxodo rural trouxe inúmeros imigrantes para as grandes cidades fazendo com que as fabricas assumissem esse trabalhador, decorrendo mais tarde em um processo de crescimento capitalista. No Brasil, as redes migratórias seguem variadas perspectivas, dentre elas as que estão ligadas com o avanço das produções agrícolas, principalmente as produções de soja e algodão, e as migrações motivadas por fatores econômicos, onde os migrantes partem em busca de melhores condições de vida.

É nessa perspectiva que abordaremos as migrações temporárias e as migrações em rede. A exemplo, no Norte de Minas, as margens do Rio São Francisco, diversas pessoas que em tempos passados utilizavam o rio e suas margens para a sobrevivência, atualmente tem sido impedidos. Impedidos em grande parte pelos conflitos territoriais, que provocam a expropriação dos territórios, a devastação e o assoreamento do ambiente. Cria-se um fenômeno nessas regiões margeadas pelo rio, em que os trabalhadores, começam a migrar em busca de trabalho, além disso, aparece com maior frequência a migração temporária, sobretudo de homens, que viajam alguns meses para o trabalho em firmas de plantações e colheitas (ARAUJO, 2016).

Segundo José de Souza Martins, “migrar temporariamente é mais do que ir e vir, é viver em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contrações sociais. Ser migrante temporário é viver tais contradições com duplicidade. É ser duas pessoas ao mesmo tempo cada uma constituída por específicas relações sociais” (1896, p. 45). Desse modo, as relações sociais Norte Mineiras ficam em constante contato com as migrações. Vivem sobre uma realidade que os condiciona a estar buscando pelo trabalho longe da sua terra natal, onde torna-se mais fácil trabalhar.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

## A. Apanhado pelas redes

As redes migratórias constituem o que pode ser chamado de laços interpessoais que ligam migrantes ao seu lugar de partida e de destino, é o movimento que cria e mantém contato com os grupos do lugar de origem, mostrando como as oportunidades podem ser diferentes para o que migra e o que não. Geralmente, os laços familiares e culturais que o migrante mantém com a terra natal, faz com que ele articule a vinda de demais pessoas (TRUZZI, 2008).

Na maior parte dos casos, as próprias pessoas levam seus irmãos mais novos, apoiando e contribuindo para a constituição dessas redes. As relações sociais que se criam a partir das redes tem um importante significado, isso pois, conforme Truzzi (2008, p. 200), “envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino.”

Oswaldo Truzzi (2008) chama as redes migratórias de *migrações em cadeia*, pois elas levam migrantes através de vivências e informações que foram passadas por outros migrantes. O termo original revela que migrações em cadeias são “como o movimento pelo qual migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocar e resolvem como se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com emigrantes anteriores” (TRUZZI apud MacDonald e MacDonald, 2008, p. 202). E geralmente, conforme o autor elas “surgem assim como o modo natural de desenvolvimento de um fluxo migratório para aqueles que não são os pioneiros, os desbravadores de um novo destino” (2008, p. 201).

Tudo isso nos faz perceber o quão complexo é as migrações. Elas impactam não somente quem executa o ato físico de deslocar-se, mas cidades, economias, sua família, enfim. Assim como, ARAÚJO (2014, p. 14), “ao migrar do campo para a cidade, o camponês deixa para trás uma vida inteira com sua família “para tentar a vida na cidade grande”. Ao fazerem isto, os processos da migração se renovam, podendo passar de geração para geração, como uma verdadeira prática a ser seguida.

## B. Sobrevivendo sob ausências

Conforme Araújo (2016, p. 116), “ao migrar o sujeito possui a oportunidade de estabelecer novas relações sociais e reconstruir as relações já existentes; neste sentido, o processo pode ser entendido como perda e ganho nas mesmas proporções, sejam em aspectos econômicos, sociais, culturais e/ou políticos”. É a partir dessa análise que compreendemos o processo de enraizamento e desenraizamento. Ao migrar para outro lugar, os seres humanos indivíduos, ao passo que criam um processo de ruptura com o passado, já criam laços de enraizamento em outro lugar. Faria (2014, p. 110), ao estudar a migração de mulheres para o trabalho doméstico, postula que, a “integração em termos de pertença, de sentir-se fazer parte de uma comunidade, esta dimensão é uma dimensão subjetiva e pessoal de integração.

O migrante sertanejo é forçado a deslocar-se de cidade a cidade carregando nas malas a necessidade de mudar a realidade pela qual sua família ou contexto estão condicionados. Segundo Paula (2013, p. 64), “a migração só acontece em função da necessidade de enfrentar a “dura realidade da vida”, que os força a buscar o trabalho distante, quase sempre mal remunerado e vivido em péssimas condições, e os submete à ausência dos entes queridos”.

Ao sair do local de origem, o migrante, estimula o que Ecléa Bosi (1987) chama de desenraizamento, ato onde se tem uma quebra de vínculos com os territórios e tradições e do mesmo modo cria-se em outro espaço um enraizamento. O deslocamento que decorre das migrações, sobretudo do campo para a cidade, provoca um intenso escalão de desenraizamento. .

Depois de enraizado na nova terra, o sujeito migrante se sente “confortável” para indicar pessoas, desde que, tenha confiança na relação de quem vai e de quem recebe, compondo a rede e criando relações sociais e vínculos dentro do novo território enraizado. Todavia, como colocado por Sayad (2000), a nostalgia faz com que a saudade e os sentimentos por aqueles, sobretudo familiares, que permaneceram na terra de origem floresça, fazendo desse modo, com que crie sentimentos de retorno.

Para os migrantes que foram para grandes cidades, a ideia de retorno também é algo que suscita a saudade, bem como os sentimentos de ausência e de querer voltar para recuperar junto às memórias de um tempo feliz, como também de aproveitar o que puder daquele lugar e daquelas pessoas. Para Araújo (2016, p. 112), “quanto maior o tempo fora de casa, maior era sua vontade em retornar ao seu lugar de origem, por não se encaixar nos padrões sociais e na vida corrida da cidade grande”. E ainda, conforme Paula (2013, p. 64), “os membros da família que permanecem ficam para cultivar a terra e cuidar do mundo da casa. Os que saem para o mundo da rua sonham e buscam retornar para casa. Assim, tanto os que partem como os que ficam querem estar no mundo da casa”.

## Considerações finais

Ao compreendermos que o ser migrante desenvolve sensações de relações sociais com o outro, notamos o quanto o partir ao mesmo ponto que trás a saudade dos que ficaram, os faz estabelecer relações novas com as pessoas de agora, e quando isso não acontece efetivamente, migram-se irmãos e amigos, construindo uma fusão cultural, que transforma tudo no mesmo ciclo de antes, desenraizar-migrar-enraizar-sentimentos de ausência e retorno-trazer algum conhecido que, vai, desenraizar-migrar-enraizar (...) ficando no ciclo até que consiga retornar de fato. Portanto, os sentimentos de ausência e retorno fazem parte dos fenômenos migratórios e pode atingir quem migrou e quem ficou. E ao mesmo tempo, perceber como as redes migratórias tem um papel fundamental na maior parte das migrações. O migrante em rede, mantém relações de reciprocidade, parentesco, amizade, tudo isso criado, visto que a rede constitui-se como uma rede sólida que valoriza o sujeito e seu contexto anterior, pois estabelece relação dentro dela mesma, ou seja, os migrantes mantêm, por exemplo, relações de solidariedade e afeto, com amigos e familiares também migrantes. Ela, também, como fio condutor, encoraja o migrante, que pela necessidade, vê se o amigo ou familiar como laço que os une ao que ficou no local de origem.

## Agradecimentos



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:  
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

# FEPEG

F Ó R U M  
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Agradeço ao projeto do qual faço parte Do sertão para outros mundos: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho do/no Norte de Minas Gerais/CEPEX 034/2017, bem como ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migração e suas Interfaces – OPARÁ-MUTUM, de onde veio toda motivação e estudos postos aqui. Agradeço ainda, a concessão de bolsa de Iniciação Científica oferecido pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG.

## Referências bibliográficas

ARAÚJO, Ana Flávia Rocha de. “Por caminhos de águas e terras”: o processo migratório de pescadores artesanais. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Montes Claros-MG.

ARAÚJO, A.; PAULA, A.; SILVA, Q. (2014) **Partir e ficar**: Dinâmicas nos processos de migração e migração no norte de Minas Gerais-Brasil [em línea]. VIII Jornadas de Sociología de la UNLP, 3 al 5 de diciembre de 2014, Ensenada, Argentina. En Memoria Académica. Disponible en:

<[http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.4676/ev.4676.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.4676/ev.4676.pdf)>. Acesso em: 28/09/2018.

BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In.: BOSI, Alfredo (org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo-SP: Ática, 1987. p. 23 – 34.

FARIA, Guéimer Júnior Almeida. **Do seu lugar para o lugar dos outros**: a migração de mulheres e sua inserção no trabalho doméstico. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros, 2014.

MARTINS, José de Souza. O Voo das Andorinhas: Migrações Temporárias no Brasil. In: **Não há terra para plantar neste verão**. Petrópolis/RJ; Vozes. 1896.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de Paula. Sair do sertão, viver nele: as migrações sertanejas. In: **Travessia: Revista do migrante**. Publicação do CEM – Ano XXVI, nº 72, Janeiro – Junho/2013.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia - Revista do Migrante**. São Paulo-SP: CEM, ano XIII, número especial, jan., 2000.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.